Reflexões sobre o filme Relatos Selvagens

Sacha Calabrese Modolon

Albert Camus, no seu famoso mito de Sísifo, escreveu que a Angústia do herói homônimo, apenas o afetava e consumia na descida do odioso morro. Uma vez que, na subida, suas forças internas e externas estavam focadas no esforço de carregar a pesadíssima pedra, a inutilidade da ação, ao vê-la rolar na eternidade, provocava o pensamento de falta de sentido e a loucura perversa do deus Zeus. Da mesma forma, em analogia, o estresse acumulado funciona.

Trabalhando, alienado na rotina que transforma-se em segunda natureza, o sujeito humano “desliga-se”. Um dia, dois dias, um mês ou até mesmo um ano. Infelizmente, com as pulsões do nosso interior a sufocar, em assédio constante, a hipócrita consciência, o círculo vicioso inicia-se. Do trabalho para casa, da casa para o trabalho, os problemas de lá vem acrescentar os problemas daqui. Mas, nesse percurso, como fica o caminho que leva ao fim e ao início? Quantas horas de nossas míseras existências não passamos dentro de um veículo automotor? Quantos outros, não passam pelo mesmo?

Como o narcisismo que nos conforma e caracteriza, tendemos a crer na importância do lugar que ocupamos no universo. Deus conspira na minha contra, e os sinais vermelhos são sintomas de uma conspiração internacional para acaberem com meu dia. Apenas eu possuo um conjugue de paciência questionável, apenas eu sou explorado por mais questionável chefe. Alguém sofre o que sofro? Alguém consegue compreender o que compreendo?

Nessa lógica onde todos são especiais nas suas individualidades totalizantes, o trânsito não escapa dos pequenos demiurgos. Isentos de toda responsabilidade legal e moral, estão no papel de exceção. Estacionei errado? Não estava sinalizado. Fulano que não anda devagar e não me deixa ultrapassar! Ciclano que bateu em mim e não o contrário! Beltrano que me tira da minha monástica paciência! O Outro, o Outro e o Outro! Diz o filósofo alemão Hegel, que pelo Outro conseguimos comprovar nossa existência, “aquele que não sou”, no entanto, não imagino nossos contemporâneos motorizados preocupados com essas questões profundas e transcendentes, senão, com a simplicidade, da falta de autocritica e do famoso “apontar o próximo”.

A psicologia, ciência que possui como objeto o Ser Humano, talvez não tenha muito a acrescentar quanto a planificação vial caótica que caracterizam as cidades deste país. Simples promotora de testes psicotécnicos? De consultas de meio minuto que fazem sorrir o mais eficiente dos seus primos psiquiatras? Talvez estejam na função apenas para lavarem suas mãos em um ponciopilatismo que associa autoridade à prolifico negocio. Ou, em mundo ainda utópico, tenha como acrescentar na discussão todas essas consequências sobre a psique. Em outras palavras, a psicologia pode ser realmente psicologia quando se depara que por detrás do motorista, existe o ser humano.

O filme, ou, pelo menos, as cenas vistas em aula, exemplificam as palavras aqui presentes de forma que apenas as artes cênicas conseguem fazer. Por meio da sátira e de um humor de cores mais negras, entre risadas, chama a reflexão. Até que ponto podemos nos identificar? Não seriam esses protagonistas tão variados as consequências de nossas ideias transformadas em ação? A perversão da imaginação não tem limites, o problema é quando passam ao mundo real. “Problema”, pois o inconsciente quer, inocentemente, descarregar excessos. Logo, independente do que declaremos, uma coisa é certa, ou descarregamos excessos por bem, ou os descarregaremos de forma mais… complicada.